

Ciência com samba no pé e batida de funk

Uma das paródias musicais usadas no concurso chamou atenção da plateia sobre uma mistura de bolo sem glúten, à base do cereal sorgo (em detalhe na imagem abaixo)



Foto: Raphael Pizzino/COORDCOM/UFRJ



Com uma apresentação bem humorada, que teve início com uma paródia da canção 'A voz do morro', de Zé Ketí, Caroline sensibilizou os jurados e terminou em primeiro lugar

Juliana Passos

Literatura de cordel para explicar a fabricação do diamante sintético, poesia e rap para entender a importância das brincadeiras no rendimento escolar das crianças, paródias com samba e funk para falar de uma nova mistura para bolo sem glúten. E tem mais. Stand up para falar da importância das emoções no controle da dor e para explicar de que maneira os músculo esquelético se comunica com outras partes do corpo para vivermos mais e melhor. Assim foi a final da sexta edição do Science Slam da Euraxess – iniciativa da União Europeia destinada a fortalecer a colaboração científica do Velho Continente com o resto do mundo por meio de certames voltados para o conhecimento científico –, realizada no terraço do Consulado da Itália, no centro do Rio de Janeiro, na terceira semana de outubro. Nessa etapa presencial e final, os participantes

tiveram cinco minutos para explicar a importância e os resultados de sua pesquisa em suas áreas para um público não especializado, de forma criativa. Os cinco finalistas foram selecionados entre mais de 100 participantes que enviaram seus vídeos para a comissão. A FAPERJ apoiou a realização do evento desde a sua primeira edição.

Na ocasião, Charlotte Grawitz, representante da Euraxess Brazil, agradeceu o apoio da FAPERJ e o interesse demonstrado pelos brasileiros na competição, bastante comum na Europa. “Com essas atividades de comunicação científica, o que o Euraxess queria era mostrar um pouco da tradição europeia de popularizar a ciência. Na Europa, temos muitos museus de ciência, muitos concursos similares a esse organizados pelos países membros. Também queríamos lembrar de uma atividade organizada pela Comissão Europeia chamada Noite dos Pesquisadores, quando a ciência sai do laboratório e vai ao encontro do

Prêmios e competições para incentivar atividades de divulgação científica por pesquisadores ganham espaço no País

público em geral. Essa atividade é realizada uma vez por ano em 350 cidades europeias”, contou. Eventos no mesmo gênero estão cada vez mais populares no País. Outro prêmio bastante disputado e um pouco mais antigo é o FameLab, organizado pelo Conselho Britânico desde 2005. Há ainda o Pint of Science, criado em 2012, também já chegou ao País, tendo sido realizado em 56 cidades brasileiras em 2018

A vencedora do Science Slam este ano foi Caroline Alves Cayres, doutoranda em Engenharia de Processos Químicos e Bioquímicos na Escola de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EQ/UFRJ), em parceria com a Embrapa Agroindústria de Alimentos. Cayres está na reta final de seu doutorado e desenvolveu uma pré-mistura sustentável e sem glúten para bolo. Sua apresentação bem humorada iniciou com uma paródia da canção “A voz do morro”, de Zé Ketí, para falar do sorgo, cereal de origem africana pouco conhecido no Brasil. “O sorgo não contém glúten, é pouco calórico e exige pouca água para sua produção, portanto, uma



Acima, os finalistas do concurso; à dir., a diretora Científica da FAPERJ, Eliete Bouskela, ao lado da ganhadora, Caroline Alves Cayres

opção sustentável. Além disso, o cereal contém uma grande quantidade de antioxidantes”, disse a vencedora. Para falar do segundo ingrediente fundamental de sua receita, a doutoranda recorreu a outro samba bastante famoso “O bagaço da laranja”, rico em fibras e importante para o intestino. O bagaço é importante não só para dar sabor à mistura como um componente fundamental para a dieta. De acordo com a pesquisadora, três a cada quatro brasileiros não consomem fibras suficientes. Para finalizar, ela explicou a receita em ritmo de funk de Anitta.

Como prêmio, a pesquisadora ganhou uma viagem para a Europa onde poderá visitar um laboratório de sua escolha. Depois de sambar e dançar funk no palco, Caroline recebeu com entusiasmo o anúncio de sua vitória. “Há três anos que eu já flertava com essa final e fiquei ainda mais feliz de ver minha avó na plateia e ter a certeza de que ela entendeu o que eu faço no laboratório e a importância da minha pesquisa”, comemorou.

A concorrência não foi nada fácil para Caroline. A primeira a entrar no palco foi a pesquisadora Isabela

Ramos, da Universidade Católica de Brasília (UCB), que procurou explicar o impacto positivo do exercício físico na melhoria do desempenho de atividades intelectuais em pesquisas com crianças. Em seguida, Raimundo Soares Júnior, mestrando em Neurociências pela Universidade de São Paulo (USP), falou sobre a importância de sentir e não sentir dor e de que maneira nossas emoções podem influenciar nesse processo. Guilherme Telles, também da USP, comparou a comunicação do músculo esquelético com o uso do WhatsApp e como nosso estilo de vida pode contribuir para melhorar essa comunicação. A última a se apresentar foi Silvia Garcez, mestranda na Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc), da Bahia. Em trajes de cangaceira, ela narrou em cordel a produção de diamante sintético realizada por seu laboratório.

Entre os jurados do evento, a diretora Científica da FAPERJ, Eliete Bouskela, elogiou a iniciativa e lembrou que a Fundação apoia o evento desde seu início. “Acho que a FAPERJ tem de ficar mais próxima da população e um evento como esse faz exatamente isso. É

preciso que se entenda que a ciência é importante para a sociedade, que ajudará a melhorar a vida das pessoas. E nós também temos que dar uma satisfação ao contribuinte porque os recursos que recebemos são fruto dos impostos pagos pelo contribuinte”, disse.

Diretor do Instituto de Pós-graduação e Pesquisa em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Coppe/UFRJ), Edson Watanabe também comentou sobre a importância de se divulgar ciência para um público mais amplo, sem perder a correção das informações. Ele disse que tem abordado, com frequência, em suas palestras, apresentações e conversas com os pares, sobre a necessidade de todos aqueles que trabalham com ciência saberem comunicar de forma clara o que fazem e os resultados de suas pesquisas. “Esses concursos são um ótimo exercício para ajudar na Divulgação Científica. Mas não é fácil encontrar o tom certo entre o uso de recursos, vamos dizer, teatrais, e o conteúdo da informação que se quer transmitir ao grande público. É sempre um desafio para os concorrentes, o de sensibilizar os jurados e a plateia”, disse. ■